

... Cadernos :: edição: 2003 - Nº 21 > Editorial > Índice > [Resumo](#) > **Artigo**

## **O texto jornalístico: desencadeador do desenvolvimento da leitura e da escrita da pessoa com deficiência mental**

**Fabiane Arruda Machado  
Reinoldo Marquezan**

Este artigo aborda a proposta de provocar criações textuais de pessoas com deficiência mental através da leitura, interpretação e reelaboração de textos jornalísticos. O texto jornalístico caracteriza-se pela concisão das idéias e por ser construído de forma clara e objetiva, por isso é considerado de fácil entendimento por parte de qualquer leitor. Isto evidencia que o texto jornalístico é um mediador com elevado potencial para a realização dos processos de leitura, interpretação, reelaboração, criação de textos e construção cognitiva.

Palavras-chave: texto jornalístico, leitura, escrita e deficiência mental.

Apesar da variedade de métodos alfabetizadores existentes, a pessoa com deficiência não é, muitas vezes, alfabetizada de forma verdadeiramente significativa. Vários fatores contribuem para isso, principalmente a estigmatização da deficiência como sinônimo de limitação e inferioridade. Esse artigo pretende analisar a possibilidade de desencadear a leitura e escrita de pessoas com deficiência mental a partir da leitura e reelaboração de textos jornalísticos, tratando-se de uma forma de aproveitar a convivência que eles já têm como os textos que a imprensa publica.

Através de uma oficina de textos realizada com cinco alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE- Santa Maria, desenvolvida de agosto a outubro de 2002, desenvolveu-se a proposta. Tratou-se de uma Pesquisa-Ação, em que o pesquisador, ministrante da oficina, pôde intervir em uma realidade, possibilitando que se desenvolvesse a pesquisa junto a um grupo representativo.

Antes de ser realizada essa proposta, foram estudados os aspectos envolvidos no ato de ler e escrever. Conforme Dockrell e Mcshane (2000), ler é um ato complexo que envolve um conjunto de habilidades. Implica em reconhecer palavras, determinar o significado das palavras e frases e coordenar seus significados dentro do contexto geral. A palavra é considerada o elemento fundamental da linguagem, por designar as coisas e individualizá-las. De acordo com Luria (1987), a principal função da palavra é seu papel designativo, também denominada função "denotativa" ou "referencial". Por outro lado, a associação de uma palavra a outras possibilita que se pense em um significado categorial da palavra, que, além de substituir ou representar os objetos, os analisa e coloca em determinada categoria, generalizando suas características. Essa nova função da palavra leva Luria (1987) a considerá-la a célula do pensamento por possibilitar a abstração e generalização de idéias.

Deve-se considerar que o significado das palavras irá mudando de acordo com o desenvolvimento do indivíduo. Nas primeiras etapas, a palavra está ligada diretamente à situação, tendo apenas sua referência objetiva. A seguir, a referência vai se emancipando, mas a palavra segue ligada à situação prática. Somente nas últimas etapas do desenvolvimento, a palavra adquire uma referência objetiva exata e estável, podendo manter sua ligação com a ação prática. Esse processo evolutivo por que passa o significado das palavras é explicado por Luria, que cita as teorias de Vygotsky:

(...) em cada etapa do desenvolvimento infantil, a palavra, mesmo conservando a mesma referência objetiva, adquire novas estruturas semânticas, muda e enriquece o sistema de enlaces e generalizações nela encerrados (...) ou seja, por trás do significado da palavra, em cada etapa, estão presentes diferentes processos psíquicos. (Luria, 1987, p. 50-51)

Pode-se considerar que, por trás da palavra, não há um significado permanente, mas um sistema complexo de enlaces. As relações com as palavras e seus significados revelam-se diferentes nos sujeitos ditos normais e nos portadores de deficiência mental. Nos ditos normais, predominam os enlaces situacionais ou conceituais que se adequam às situações correntes. Já nos indivíduos que apresentam

patologias cerebrais há dificuldade em selecionar os enlaces adequados ao momento, o que dificulta as operações verbais e qualquer forma de expressão por meio de palavras, pois não há ligação coerente entre palavra e significado.

Quanto às frases, além de designar algum objeto ou fenômeno, expressam um pensamento determinado, comunicando algo específico. Cada oração possui uma unidade de sentido e não é formada somente por coincidências mecânicas, pois só assim formará uma unidade de sentido, informando algo.

Luria (1987) diferencia as frases em unissignificativas, cuja finalização está completamente determinada por seu início e em outras, cuja finalização correta exige uma seleção ativa dentre muitas alternativas possíveis. A compreensão adequada da frase auxiliará o leitor a interpretar essas construções que possibilitam diversas formas de finalização.

Dentro de um texto, as frases não são partes isoladas, cada uma influi ou inclui em si o sentido da anterior. Este fenômeno é denominado por Vygotsky como "influência" ou "incorporação" dos sentidos. Por isso, revela-se importante interpretar corretamente cada frase para que se compreenda o texto como um todo.

Deve-se considerar que no processo de compreensão do texto, além do significado superficial, considerado externo, há o sentido interno, também chamado subtexto, como explica Luria:

(...) o processo de decodificação da comunicação também se divide em duas grandes fases, a primeira da qual está vinculada ao deciframento dos códigos verbais percebidos e a segunda, ao deciframento do sentido profundo, que se encerra na comunicação. (1987, p. 233)

Para Dockrell e Mcshane (2000), além de ser decodificado, o texto deve ser compreendido pelo leitor. O entendimento do significado de cada frase inserida no texto só será possível se houver compreensão sobre a estrutura frasal. Ou seja, somente se o leitor sabe diferenciar o sujeito, o predicado e o verbo que compõem a frase, entre outros elementos, consegue entender o que está lendo.

O processo de interpretação de frases e do texto pode ser considerado como um trabalho autônomo por parte do sujeito, baseado na construção própria de idéias e deduções. Ler e compreender um texto é um processo ativo, que depende de determinadas características do indivíduo, além de seu interesse pelo tema exposto, ele precisa estar alfabetizado adequadamente.

Quando se estuda autores que abordam a leitura e escrita da pessoa com deficiência mental, como Ide (1993), verifica-se que muitos deles se referem que na alfabetização dessas pessoas o valor social da escrita, sua relação com o mundo externo parecem ser esquecidos e os indivíduos acabam decifrando e codificando textos de uma forma passiva e pouco estimulante. Essa forma de apropriação da leitura e escrita é consequência de modelos padronizados de alfabetização, que não levam em conta a realidade do educando, seu contexto social e suas individualidades.

Concorda-se com Ide (1993), quando se refere ao ritmo da aprendizagem geralmente imposto pelo professor à pessoa com deficiência mental:

Apesar de respeitar o ritmo diferente de aprendizagem da criança portadora de deficiência mental, o professor ensina por modelos, obedecendo estágios pelos quais o aluno deverá passar (...) Trata-se, pois, da aplicação à educação de portadores de deficiência mental de um ensino programado, diretivo e bastante controlado, em que o estímulo e resposta é um procedimento básico para se obterem comportamentos desejados. (Ferreiro apud Ide, p.24, 1993)

A visão pré-concebida da deficiência, encarada como sinônimo de passividade também contribui para a limitação do universo escrito desses indivíduos. Ide (1993) sugere que somente errando o aluno aprende. Assim, as limitações do aluno deficiente, seus eventuais erros podem ser usados como instrumentos que facilitem a aprendizagem e não como rótulos de inadequação. Fazer o educando entender seu erro e ir, com isso, construindo seu entendimento é apontado por Ferreiro como o caminho para a real aprendizagem:

É preciso dar às crianças a possibilidade de escreverem sem estarem necessariamente copiando um modelo (...). Aprende-se mais inventando combinações, formas, do que copiando. ( Ide apud Ferreiro, p. 45, 1993)

Após entender a forma como se dá a alfabetização das pessoas com deficiência mental e a falta de incentivos para aperfeiçoarem suas criações textuais, propõe-se o uso de textos jornalísticos como estimuladores. Segundo MEC/SEF (1998), pesquisas no meio urbano apontam que grande parte dos indivíduos, independente de apresentarem deficiências, estão em contato com a linguagem escrita, seja por diferentes meios como livros, jornais, embalagens, etc. Portanto, pode-se considerar como indiscutível uma certa relação entre a pessoa com deficiência mental e os textos que a imprensa publica diariamente.

O texto jornalístico possui como características marcantes a linguagem referencial, que busca passar a informação com um mínimo de distorção e o uso da língua padrão, sem regionalismos, que faz com que um texto possa circular e ser interpretado da mesma forma em todo o país. Portanto, é de fácil entendimento e compreensão o que propicia, dependendo do assunto tratado, seu uso pelas pessoas com deficiência mental.

A exposição dos indivíduos a atos de leitura e escrita irá criar oportunidades para que reflitam criticamente sobre esse objeto. Praticando a língua ocorrida em contextos concretos, o aluno se

aprimorará lingüisticamente. Faria (1996 b), referindo-se aos efeitos do trabalho com o jornal na escola, define que, entre os efeitos mais gerais está o desenvolvimento de operações e processos mentais que concorrem para a construção da inteligência, tais como: identificar, classificar e ordenar elementos, levantar hipóteses e verificá-las, esquematizar, reproduzir, criar, conceituar, memorizar e reaplicar conhecimentos.

As características dos textos jornalísticos precisam ser levadas em conta quando se pensa na forma como eles podem contribuir no desenvolvimento lingüístico-textual da pessoa com deficiência mental. Esses textos primam pela precisão e por serem concisos. A rotina diária dos leitores de jornais e revistas impede que se construa textos longos e complexos, mas possibilita que se publique textos rápidos e práticos, que informem com poucas palavras. Todo texto jornalístico deve trazer já em seu primeiro parágrafo uma síntese do que está sendo noticiado. Trata-se do "lead"<sup>1</sup> que deverá responder às questões básicas: o quê?, quem?, onde?, como?, quando? e por quê? Os outros parágrafos servirão somente para o aprofundamento das idéias anunciadas no início da notícia. O Dicionário de Comunicação conceitua notícia como: "...a informação exata e oportuna dos acontecimentos, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores; são fatos essenciais de tudo o que aconteceu" (Rabaça e Barbosa, p. 102, 1987).

Outro conceito de notícia, dado por Sodré e Ferrari (1987), a define como todo fato social destacado em função de sua atualidade, interesse e comunicabilidade. Devendo ser informado de forma direta, concreta e objetiva.

Além da constituição do "lead", não existe uma fórmula básica para a construção de um texto noticioso, mas todo redator deve ter consciência, ao escrever, de que está fazendo um ato comunicativo. O emissor envia a mensagem e o receptor (leitor) a recebe. Nesse sentido, cinco princípios básicos devem ser considerados: a correção lingüística, a organização do texto, a progressão das idéias, o conteúdo que está sendo expresso e as pressuposições sobre o conhecimento e capacidade do leitor. Na construção de qualquer texto, deve haver preocupação com quem vai lê-lo, pois somente se as idéias forem expressas com clareza e organização poderão ser entendidas:

O discurso informativo caracteriza-se basicamente por veicular mensagens marcadas por uma intencionalidade específica: atingir um receptor enquanto membro de uma comunidade politicamente construída (Polis). (Sodré etti alli, p. 06, 1987)

A oficina realizada na APAE foi composta por dez encontros, em que se realizou leitura, interpretação, reelaboração e criação de textos. Participaram do grupo representativo, Paulo, 41 anos, apresenta deficiência múltipla, é questionador e tem noções de tempo e quantidade. Marta, 39 anos, apresenta lesão cerebral e também tem noções de tempo e espaço. Joel, 19 anos, Jozi, 31 anos e Eliane, 23 anos, apresentam deficiência mental leve.

Primeiramente, usou-se nas atividades textos escolhidos pela ministrante, depois possibilitou-se que os participantes escolhessem assuntos de seu interesse, adequando-se a proposta a esses. Através da experiência desenvolvida, pode-se apontar os fatores motivadores para as construções textuais, destacando-se o interesse pelo tema a ser abordado. Quando os alunos leram, reelaboraram ou criaram textos com temas de seu conhecimento ou interesse pessoal, percebeu-se que a atividades foram mais produtivas e contribuíram para que se alcançasse os objetivos desta proposta. A fala de Marta confirma a importância dada ao fato de se conhecer e ter familiaridade com o assunto: "É sobre a festa da APAE e eu táva aqui pra vê tudo."

Por outro lado, quando os participantes precisaram ler, reescrever ou criar tendo como referenciais textos com conteúdos desconhecidos por eles, ou distantes de suas realidades, as atividades foram limitadas e pouco acrescentaram aos objetivos desta pesquisa. Quando se propôs a reelaboração de um texto que tratava sobre mercadorias contrabandeadas, por exemplo, Jozi teve dificuldade em entender o que era contrabando: "Ele vendia mercadorias usadas, né, professora?" Após ser explicado pela ministrante o que significa contrabando, concluiu que eram mercadorias falsas e furtadas, ou seja, seguiu com dúvidas sobre o assunto. O distanciamento sobre o tema do texto também pôde ser notado em sua reelaboração, pois, Jozi ficou bastante "presa" ao conteúdo lido, inclusive copiando frases inteiras do texto original: "Não sei muito sobre isso aí, nunca tinha prestado atenção", explicou.

Pode-se considerar que, em alguns momentos, a incerteza e a insegurança dos alunos funcionaram como fatores inibidores no processo de criação. Alguns dos participantes da pesquisa se sentiam, principalmente no início do desenvolvimento da proposta, nervosos em escreverem seus próprios textos e perguntavam constantemente à ministrante se estavam escrevendo corretamente e se seus textos podiam ser entendidos por quem os lê-se. Essa incerteza também foi percebida nos momentos em que se propôs a leitura em voz alta: "Não gosto de ler em voz alta, pois fico com vergonha", confessou Joel, enquanto Jozi buscou explicar como percebia sua leitura em voz alta: "Eu leio muito devagar".

Acreditamos que essa proposta possa ter contribuído para diminuir ou pelo menos amenizar o sentimento de incerteza dos participantes do grupo representativo. Pois, buscou-se, durante todo o desenvolvimento da pesquisa, incentivar os alunos a criarem e produzirem seus próprios textos com

autonomia. Além disso, os eventuais erros encontrados nos textos e interpretações dos alunos puderam ser usados na construção dessa proposta, pois foram esclarecidos e analisados por todos os participantes e a ministrante. Assim, quando alguma palavra foi mal empregada, por exemplo, não só o autor do erro, mas todos os participantes obtiveram uma explicação por parte da ministrante. Pode-se ainda considerar o diálogo entre alunos e ministrante como fator de incentivo à descontração e liberdade dos participantes, facilitando suas interpretações e criações.

Os resultados obtidos através da realização da oficina de textos na APAE- Santa Maria podem ser considerados como positivos e efetivadores da proposta desta pesquisa. Durante os três meses de atividades, os participantes leram, interpretaram e criaram através dos textos jornalísticos e portanto alcançou-se os objetivos desta pesquisa.

Ao analisar-se as três etapas das atividades pode-se perceber avanços em relação ao desenvolvimento da leitura e escrita por parte do grupo representativo. Todos, ao final da oficina, demonstraram mais segurança ao ler e escrever, isso pode ser creditado a vários fatores: o contato permanente com textos, especialmente os jornalísticos de conteúdos relacionados ao cotidiano e linguagem simples; os estímulos para que escrevessem com liberdade, sem terem medo de errar e o convívio com os colegas e a ministrante que contribuiu para diminuir a timidez em esclarecer dúvidas e buscar acertos.

---

#### Referências Bibliográficas

- DOCKRELL, J. & MCSHANE, J. Crianças com dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000
- FARIA, M. A- O jornal na sala de aula. 7.ed. São Paulo: Contexto, 1996
- \_\_\_\_\_ - Como usar o jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1996
- IDE, S.M- Leitura e escrita e a deficiência mental. São Paulo: Memnon, 1993
- LURIA, A.R. Pensamento e Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987
- \_\_\_\_\_. O papel da linguagem na formação de conexões temporais e a regulação do comportamento em crianças normais e oligofrênicas. In: LURIA, LEONTIEV, VYGOTSKY e outros. Psicologia e Pedagogia I, Lisboa: Editorial Estampa, 1977
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL- Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998
- RABAÇA, C.A; BARBOSA, G- Dicionário de Comunicação. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987
- SODRÉ, M., FERRARI, M.H- O texto nos meios de comunicação. 4ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A, 1987

#### Notas

(1) Lead- Parágrafo que introduz a notícia, é considerada a “cabeça” de tudo de que será dito. Em seu formato padrão responde a seis questões básicas: o que, quem, onde, como, quando e por que.

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2003 - Nº 21 > Editorial > Índice > [Resumo](#) > **Artigo**